

# Florestan se diz noviço e

Tadashi Nakagami

ANC

S. PAULO

Domingo, 22 de fevereiro de 1987 — POLÍTICA — 1.º caderno — A-7

## aprendiz na Constituinte

Da Sucursal de Brasília

Depois de mais de quarenta anos de contato diário com a política, na condição de sociólogo e cientista político, Florestan Fernandes, 66, eleito deputado do ano passado pelo PT paulista, chegou a Brasília, este mês, como "um noviço, um aprendiz" no Congresso constituinte, como ele mesmo se apresenta.



Ao contrário da maioria de seus colegas, que tiveram de disputar bravamente ou entrar em duras disputas para conseguir um gabinete, porém, Florestan foi disputado pelos ex-deputados Eduardo Suplicy (PT) e Israel Dias Novaes (PMDB). Ambos faziam questão de lhe passar o gabinete que abandonavam. Ele ficou com o de Suplicy.

No seu discurso de estréia, Florestan situou historicamente o atual Congresso que, na sua opinião "nada tem a ver com os anteriores, pelo momento atípico e por ter-se juntado, pela primeira vez, as oito ou dez nações que o Brasil abriga".

Seu "treino político" mais ativo, diz o deputado, começou na década de cinquenta, "nos subterrâneos da 4ª Internacional" (dissidência trotskista do movimento comunista). Hoje, diz, a estrutura do poder instalado não o assusta. "Mas não se pode afastar do horizonte a possibilidade de ocorrer o mesmo que se deu em 1946 e em 1964", quando os militares assumiram o controle do país.

Mesmo assim, continua Florestan, "não alimento qualquer sentimento de repulsa pelos militares e nem os discrimino". Para ele, o "pentagonismo" não é um fenômeno brasileiro. "Quase todos os países do mundo passaram por esse processo social", afirma. Os militares, segundo Florestan, "foram vítimas de um tipo de socialização que os deformou e os deslocou de suas funções".

### Romper o isolamento

Assíduo frequentador do plenário nestas primeiras três semanas de trabalho, Florestan Fernandes tenta assimilar "as complicadas artimanhas e regras não escritas" praticadas no Congresso. Sua preocupação maior, entretanto, diz ele, "é não ficar isolado no nicho do PT".

Como a maioria dos novos parlamentares, o deputado petista surpreendeu-se com a infraestrutura da Câmara. "Não existem aquelas mordomias que tanto se apregoa por aí", afirma ele.

Seus planos, durante o funcionamento do Congresso constituinte, são de voltar a São Paulo apenas duas vezes por mês, "para dar satisfações" do seu comportamento em Brasília à sua base eleitoral. "Por enquanto" —conclui o sociólogo-deputado— "não há muito o que dizer".

(Márcio Chaer)

Núcleo